

Prezado Dr. Baldus,

Espiolhando há algum tempo as novidades da Livraria "São José", desta cidade, tive o grato prazer de encontrar um único exemplar do seu substancioso livro "Bibliografia Crítica e Etnografia Brasileira, edição comemorativa do 4º centenário de São Paulo, no qual faz o amigo interessantes sínteses das publicações que sôbre a cultura dos nossos silvícolas hão feito autores nacionais e estrangeiros.

Trabalho de paciência, exaustivo e criterioso, veio êle preencher o vazio que já se fazia sentir aos estudiosos da população ameríndia. Pelo que chegou a realizar de proveitoso em setor tão pouco conhecido, dou-me à satisfação de apresentar-lhe calorosas felicitações.

No respeitante à nota 375, à margem da crítica ao trabalho de minha autoria, subordinado ao título "A arte militar entre os boróros de outrora", publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nº 175 (1940) Rio de Janeiro 1941 - pp. 169-182, lastima o mestre não haver seu autor declinado a fonte onde colhera os dados a respeito. Cabe a mim, pois, o imperioso dever de esclarecer-lhe que aquela desvaliosa contribuição às letras etnográficas resultou de prolongados estudos sôbre a história e as lendas dos boróros toritadãgue ou boróros orientais, depois de sofrer a prova do confronto com a experiência de conspícua turma de bõe imigerágue (caciques) em tête-à-tête realizado em nossa residência em Lageado (Mato Grosso). Devo acrescentar ainda que a tese ali sustentada mereceu a aprovação de caciques do alcance cultural de Bureko, Okwa turubáre, Pariko, Mettu-aíge, do vale do São Lourenço e Tiago Aipoburéu, da aldeia de Meruri.

Sendo êstes os esclarecimentos que julgo do meu dever prestar-lhe, sirvo-me desta agradável ocasião para, com minha admiração e amizade, subscrever

Atenciosamente,

manuel 

Manuel Cruz.

Nota: o missivista encontra-se de passagem pelo Rio de Janeiro. Reside, atualmente em Santana dos Brejos, Estado da Bahia, à praça da Bandeira, 129.